

Cristologia no Documento de Santo Domingo

Pe. Benedito Ferraro

Partimos do fato de que o Documento de Santo Domingo é desigual, feita a várias mãos e sem guardar uma lógica interna coerente. Vamos indicar alguns elementos cristológicos partindo da *Cristologia explícita* (n.1-15) e da *Cristologia implícita* (n.157-286).

1. CRISTOLOGIA EXPLÍCITA

A cristologia desta primeira parte se apresenta abstrata, dedutiva, desvinculada da prática histórica de Jesus, do anúncio do Reino a partir dos conflitos provenientes do embate de Jesus e seu grupo com as questões referentes à Lei, à Religião (sistema de pureza) e com o Templo (questão messiânica). Esta cristologia está alicerçada numa chave soteriológica clássica, onde se privilegia a relação de Jesus com o pecado. Insiste-se

no perdão dos pecados, mas sem dizer, uma única vez sequer, que Jesus foi perseguido e que foi morto por causa de sua prática histórica. Esta chave acaba ocultando a *conflitividade da vida de Jesus e das primeiras comunidades e acaba também inviabilizando a memória dos mártires da América Latina.*

A relação de Jesus com o Reino também é deixada de lado, causando a impressão de uma evangelização desligada dos reais problemas humanos. Não se apresenta um Jesus inserido na história de seu povo, assumindo as bandeiras de luta dos movimentos populares da Palestina no primeiro século, como muito bem nos deixa ver os textos de Lc. 4,14-30; Mc. 1,1-20; Mc. 2,1-3,6. Desta

forma, notamos uma cristologia baseada mais em textos da segunda geração de cristãos, "em particular a cristologia das cartas deuteropaulinas aos Colossenses (citada 4 vezes) e aos Efésios (citada 11 vezes)... Não há dúvida de que a cristologia de Colossenses e Efésios seja não só legítima, mas altíssima. Mas por isso mesmo expressa a especulação de uma geração cristã, que quer perscrutar mais a fundo o mistério de Cristo, que acolheu há tempo; não é a mensagem direta a quem não crê ou vive ainda na mentalidade pagã, e precisa ouvir o "primeiro anúncio" e ser interpelado a partir da situação em que está"¹.

Por esta razão, o Documento de Santo Domingo não apresenta Jesus como o "primeiro e maior evangelizador" como faz a EN,7. Jesus é apresentado como objeto, conteúdo da Evangelização e não como o seu sujeito. Daí estamos a um passo de sua transformação em doutrina: no lugar de se anunciar o Reino e o Jesus do Reino, apresenta-se uma doutrina. Além disso, cortando-se a ligação de Jesus com as necessidades dos pobres, marginalizados e oprimidos de sua época, o anúncio do Reino perde sua conflitividade e a prática de Jesus perde sua radicalidade.

Ao se deixar de lado a conflitividade da vida de Jesus, devido à

chave soteriológica empregada, bem a gosto de Santo Anselmo, a morte de Jesus é desenraizada de seu contexto histórico. Com isso não se faz nenhuma menção da perseguição sofrida por Jesus e silencia seu martírio. Fala-se sempre em chave soteriológica clássica, ou seja, somente mostra sua relação com o pecado (Cf. SD, 7.12.31). Também se silencia o martírio na América Latina (Cf. 21).

Nota-se, nesta primeira parte, uma cristologia descendente (de cima), colocando-se em silêncio uma cristologia ascendente (de baixo), onde se privilegia a prática histórica de Jesus e não tanto a questão da "encarnação", que pode sugerir uma "descida". Certamente estamos aqui diante da tensão pendular tão freqüente em toda a história da cristologia, já presente no Novo Testamento e mais explicitada nas escolas de Alexandria e Antioquia. Com o ocultamento da prática de Jesus, perde-se também o porquê de sua morte, pelo menos, no que se refere aos enfrentamentos com as autoridades civis e religiosas de seu tempo. É por isso que na primeira parte do texto de Santo Domingo, a morte de Jesus é praticamente ocultada.

Insiste-se mais na "encarnação" e não tanto na "prática histórica

de Jesus", desembocando-se em uma perspectiva abstrata e dedutiva. Isto leva a uma apresentação de um Jesus que é solução para todos os problemas, mas sem a apresentação das mediações históricas necessárias (Cf. SD, 9.13.16.23.24.27). Apresenta-se Jesus como o "Senhor da História", mas não se apresenta como de fato se efetiva seu "senhorio" na História. Fala-se de um Jesus que deve ser a resposta para os problemas reais da vida na América Latina (Cf. SD.9), mas não se diz como Jesus pode ser a solução. Fala-se da necessidade de "conversão", mas não se apresentam as exigências. Desta forma, como não se insiste na prática de Jesus, também não se acentua a prática dos cristãos na América Latina para ultrapassar a situação de morte no continente. Apresenta-se um Jesus que é pão, mas sem que o povo tenha pão. Estamos a um passo do mascaramento das carências reais por uma apresentação ideológica de Jesus Cristo!

2. CRISTOLOGIA IMPLÍCITA

Na segunda parte do texto de Santo Domingo, especialmente no segundo (n.157-227) e terceiro capítulos (n.228-286), encontramos uma cristologia implícita que nos coloca de novo na perspectiva do Concílio Vaticano II, de Medellín e de Puebla. Fala-se de um modo contextualizado a partir da situação sócio-econômica e leva-se em conta as necessidades reais do

povo latino-americano e caribenhos. Queremos, a partir desta constatação, apontar algumas linhas desta cristologia implícita.

Em primeiro lugar, podemos perceber uma cristologia dos rostos. Os rostos são transparentes e não deixam margem para distorções. Eles revelam a dura realidade já apresentada por Puebla (31-39) e agora com mais mordência ainda (SD,178-179). Apresenta-se aí um Jesus comprometido com os pobres de seu tempo (Cf. Lc. 4,18-19), mostrando o valor de sua inserção histórica. Retoma o texto de Mt.25,31-46, afirmando que devemos descobrir nos rostos dos pobres o rosto do Senhor, como o grande desafio para todos os cristãos na linha de uma conversão pessoal e eclesial. O texto tem um peso teológico mais profundo: "Cristo está presente nos que sofrem, o crucificado está misteriosamente nos crucificados deste mundo, para além de sua crença, moralidade ou ideologia. Os rostos dos pobres são sacramentos de Cristo. Nestas breves linhas está contida toda uma teologia da encarnação e da cruz. É a teologia do Filho que, sendo rico, se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza (2Cr. 8,9), de Jesus Cristo que veio evangelizar os pobres (Lc. 4,18-19, cf. 178), a teologia do Juízo de Deus, a teologia do último e definitivo pelo qual seremos julgados: amamos, servimos, liber-

1. ANTONIAZZI, A., "O que Santo Domingo trouxe de novo?", Vida Pastoral, 170 (maio-junho/1993), p. 8.

tamos os crucificados deste mundo? A solidariedade com os pobres é o único sacramento absolutamente necessário para a salvação"².

O texto revela também uma **cris-tologia contextualizada**. Parte-se da realidade concreta da América Latina e do Caribe. Realidade de sofrimento, morte, empobrecimento e mesmo processo de miserabilização da população: **"O crescente empobrecimento a que estão submetidos milhões de irmãos nossos, que chega a intoleráveis extremos de miséria, é o mais devastador e humilhante flagelo que vive a América Latina e o Caribe"** (SD,179;Cf.198-199).

Em seguida, o texto nos faz lembrar Mt.9,36: **"A nós pastores, comove-nos até as entranhas ver continuamente a multidão de homens e mulheres, crianças, jovens e anciãos que sofrem o insuportável peso da miséria, assim como diversas formas de exclusão social, étnica e cultural; são pessoas humanas concretas e irrepetíveis que vêm seus horizontes cada vez mais fechados e sua dignidade desconhecida"** (SD.179).

Pouco mais adiante, o texto aponta a **"política de corte liberal"** como a responsável pelo agravamento desta situação de miséria na América Latina e no Caribe. Isto mostra a necessidade de se

pensar a evangelização a partir da realidade e não apenas como o anúncio de uma verdade abstrata: **"O que é, pois, evangelização? É tomar parte consciente e ativa no processo histórico que tem como origem o desígnio de Deus Pai e se realiza, a partir da eternidade, no tempo, através das missões do Filho de Deus e do Espírito Santo e da nossa, objetivando a construção do Reino de Deus (Deus tudo em todos — comunhão plena de todos). Mais concretamente, evangelizar é continuar, na história, a ação, a prática, a história salvífica de Jesus de Nazaré, Filho de Deus. Não se trata só de comunicar conteúdos doutrinários — que também são importantes e necessários —, mas trata-se de viver uma vida, trata-se não só de confessar a Jesus, mas de continuar na história do mundo a história salvífica de Jesus, onde morte ao velho homem e ressurreição no homem novo, dentro da dinâmica do mistério pascal, se alternam dialeticamente"**³.

No texto de Santo Domingo, a partir da opção evangélica e preferencial pelos pobres, especialmente os números 178-179, encontramos a chave de compreensão de toda a cristologia do Documento. Do ponto de vista bíblico, o pobre é a mediação fundamental do encontro da pessoa

com Deus e, ao mesmo tempo, é o critério escatológico de salvação ou perdição. Quem não respeita o pobre, não respeita a Deus. Quem ofende o pobre, ofende a Deus (Cf. Prov. 14,31; Ex. 3,7-10; Mt. 25,31-46). A Bíblia olha a realidade a partir da ótica do oprimido, do empobrecido, do excluído, da vítima. É o lugar da inteligibilidade da totalidade. E o lugar da vítima é o lugar da verdade. É aí que Deus se deixa encontrar. É no grito da natureza devastada, desrespeitada pela gana de lucro do capital (Cf. SD.172b). É na defesa dos pobres e excluídos (mulheres, negros, índios, crianças) que Deus revela sua força e sua presença libertadora (Cf. Lc.1,51-53). A lógica do Evangelho é a lógica dos últimos. Esse é o lugar da verdade. Por isso declarar o pobre, o excluído, a vítima como inocente, é buscar o lugar de onde a verdade pode ser dita. Eis aí a razão de Deus escolher os excluídos: para que não haja mais excluídos. É a partir da escolha dos últimos que a misericórdia de Deus pode atingir a todos e a todas e assim se cumpra seu desígnio de salvação de não exclusão de ninguém. Por esta razão, estamos diante de uma afirmação cristológica fundamental, onde se pode encontrar a identidade entre o lugar da verdade, o lugar de Jesus Cristo e o lugar da vítima. Este é o desafio presente no Documento de Santo Domin-

go: **"Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt.25,40) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial"** (SD,178). Se a Igreja reconhece no rosto dos pobres o rosto do Cristo Sofredor, o Senhor que nos questiona e interpela (Cf. Puebla, 31), ela está declarando que os pobres, que são vítimas do sistema e da política neoliberais (Cf. SD, 179.198.199), são inocentes, como inocente foi Jesus e não culpado foi Jesus. Por isso, **"não há outro lugar de onde a verdade possa falar, a não ser aquele de onde fala o próprio Cristo, aquele da vítima perfeitamente inocente e não violenta, que somente ele ocupa"**⁴.

Assim, declarar que a vítima é inocente, significa declarar que o vitimário é culpado. Eis aí o grande desafio: descobrir o rosto do Senhor nos rostos sofridos dos irmãos. Esta é a chave de toda a cristologia de Santo Domingo! Se ela não for a orientadora de nossa prática, certamente todo o arcabouço doutrinário perderá sua pertinência e sua consistência.

Pe. Benedito Ferraro é Doutor em Teologia Dogmática e Professor de Cristologia na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

Endereço:

Av. Nazaré, 993
CEP 04263-100
Ipiranga — São Paulo.

2. CODINA, V., "Novos Rostos em Santo Domingo", em Santo Domingo. Ensaio Teológico-Pastoral, Vozes-Soter-Ameríndia, 1993, pp. 293-294.

3. LORSCHIEDER, A., "Cristologia, Eclesiologia e Antropologia da Nova Evangelização", em Santo Domingo. Ensaio Teológico-Pastoral, op. cit., p. 338.

4. GIRARD, R., *Des choses cachées depuis la fondation du monde*, Grasset, Paris, 1978, p. 588.